

DIVINAS MULHERES DE PAPEL: IMAGINÁRIO DO DESEJO MASCULINO NA POESIA

Maria Goretti Ribeiro¹

Poesia e erotismo nascem dos sentidos, mas não terminam neles. Ao se soltarem, inventam configurações imaginárias – poemas e cerimônias.

(Octavio Paz)

RESUMO: Analiso as formas de representação do imaginário do desejo masculino na poesia lírica amorosa de Castro Alves, Olavo Bilac e de Cruz e Souza com base nas ideias de Jung, de Bataille e de Octávio Paz sobre amor e erotismo. Demonstro que as imagens do desejo nos poemas analisados são arquetípicas e têm base no inconsciente coletivo, que constrói concepções míticas e místicas do amor e do prazer carregadas de culpa e condenação.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia; Imaginário; Arquetipo; Desejo

RESUMEN: Analizo las formas de representación del imaginario del deseo masculino en la poesía lírica amorosa de Castro Alves, Olavo Bilac y de Cruz e Souza tomando como base las ideas de Jung, de Bataille y de Octavio paz sobre el amor y el erotismo. Demuestro que las imágenes del deseo en los poemas analizados son arquetípicas y se basan en el inconsciente colectivo, que construye concepciones míticas y místicas del amor y del placer cargadas con la culpa y la condenación.

PALABRAS CLAVE: Poesía; Imaginario; Arquetipo; Deseo

Este artigo apresenta uma visão panorâmica das imagens femininas eróticas na Literatura Ocidental. Amores proibidos, disfarçados, não correspondidos, desejos reprimidos, erotismo acrisolado, sedução condenada, são temas recorrentes na poesia de todos os tempos. Figura, nos milenares versos líricos amorosos confessionais, a imagem arquetípica da mulher amada como ente divino bondoso e terrível: virgens santas, deusas inatingíveis, demônios sedutores, fêmeas fatais, belezas esfingéticas, belezas estatuadas, a quem um amante declara seus sentimentos irrealizados como uma condenação, um espinho na carne ou uma dor incurável. Isto se confirma na poesia lírica amorosa de Petrarca, Camões, Álvares de Azevedo, Castro Alves, Olavo Bilac e Cruz e Souza. Nesses casos, as imagens

¹ Professora pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da UEPB.

arquetípicas do Feminino são culturais e têm como base o inconsciente coletivo, que construiu concepções míticas e místicas do amor e do prazer feminino.

Para este trabalho, analiso as formas de representação do imaginário do desejo masculino na poesia lírica amorosa de Castro Alves, Olavo Bilac e de Cruz e Souza com base nas ideias de Jung (2000 e 2005), de Bataille (1987) e de Octávio Paz (1994) sobre amor e erotismo. Demonstro que as imagens do desejo nos poemas analisados são arquetípicas e têm base no inconsciente coletivo, que constrói concepções míticas e místicas do amor e do prazer carregadas de culpa e condenação. Na primeira parte, trago uma visão panorâmica dessas imagens nos mitos e na literatura ocidental; na segunda, passo a analisar como essas imagens são representadas pelos poetas brasileiros.

O EROTISMO NO MITO E NA LITERATURA

O mito de Eros e Psique (o amor e a alma personificados) nos situa muito bem na questão do conflito entre domínio incoercível dos sentidos, ardência do desejo, sofrimento provocado pela paixão, atração irresistível por alguém, sublimação, transformação espiritual e atitude interior, isto é, forma e modo de comportamento em relação aos processos psíquicos conscientes e inconscientes; tudo o que enfeixa também a emoção poética no ato criador lírico amoroso, pelo menos nos poemas que tenho lido ao longo de minha vida.

Na perspectiva do mito, Eros, o belo deus oculto nas trevas noturnas, viveu com a sua amada Psique a mais completa comunhão que o amor conjugal correspondido pode proporcionar, até o dia em que a bela mortal, usando uma lâmpada de óleo, lhe iluminou a face que deveria permanecer velada, revelando assim seu mistério: a beleza e o esplendor divinos que provocam na alma o prazer absoluto. Esta transgressão fez Psique perder o amante e merecer a punição de peregrinar no reino da morte, numa difícil jornada pela “noite escura da alma”, em busca do amor desaparecido.

Cumprida a tarefa com a ajuda do próprio deus, ela foi redimida, unindo-se, definitivamente, ao amado. A partir dessa união foram definidos os dois polos de atração que fundamentam a atração entre duas pessoas: amor e erotismo, o que Octavio Paz (1994, p 34) conceitua como elementos responsáveis pela unicidade plena entre corpo e alma na relação paritária: “o amor é atração por uma única

pessoa: por um corpo e uma alma. [...] Sem erotismo – sem forma visível que entra pelos sentidos – não há amor, mas este atravessa o corpo desejado e procura a alma no corpo e, na alma, o corpo. A pessoa inteira.”

O mito não só explica o sentido do amor erótico transcendentalizado, que deu gasto a muita tinta na literatura, como contém os elementos constitutivos da concepção ocidental do amor: o desejo pelo outro, o mascaramento do eros, a transgressão do interdito – em muitos casos, os tabus sexuais, os preconceitos – a perda, o sofrimento, a punição e a remissão, elementos que também fundamentam a poesia lírica amorosa, desde a sua origem, como podemos vislumbrar no poema “A feiticeira”, escrito por Teócrito, no século III a.C., que fala sobre o desespero de Simeta que, abandonada pelo amante, faz uma feitiçaria à Lua Negra, suplicando a deusa Hécate a devolução do ente amado porque o Eros cruel fustigava-lhe os sentidos.

Em *O banquete*, Platão (1973, p. 248-261) põe na boca da anciã Diotima a concepção transcendental de que o amor nasce da beleza e que através dela se pode contemplar as formas eternas; ideia retomada, depois, pela poesia lírica amorosa que permanece até hoje.

Da Idade Média veio um modelo de lírica amorosa confessional que versa sobre a “bela dona” cortejada pela voz de alguém que a ama secretamente, haja vista o interdito: a sagração do corpo feminino, cuja castidade torna possível a manifestação do eros e impossível a realização do amor carnal, fenômeno que purifica o desejo e ensaja a catarse da alma sem emascular o sujeito apaixonado.

Buscando a fonte desse rico manancial, trazemos à baila Petrarca, que em “O cancionero” criou, por assim dizer, um padrão de mulher desejada, de beleza corpóreo-espiritual beatífica, cantada a partir de uma concepção do amor que faz vibrar as cordas mais profundas do coração do homem “gentil”, leal, cortês, nobre e honrado, este que põe em evidencia a formosura feminina como algo a ser contemplado como uma devoção.

Petrarca legou à literatura ocidental o modelo poético de “amor penitente” criando o protótipo da dama perfeita na imagem de Laura: a mulher dotada de beleza corporal intocável e de bens espirituais, cuja formosura provoca no poeta-amante etéreo o desejo purificado pela dor de nunca tê-la em vida e de perdê-la para a morte – fuga do eros – tema retomado, por alguns poetas românticos, da estirpe de Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu, parnasianos e

simbolistas. Laura, como o nome sugere, é a jovem loura, cujas madeixas douradas estão em perfeita harmonia com o branco nevado da face e o azul celestial dos olhos. No soneto XXX (PETRARCA, s.d., p.71), o eu lírico exalta a “divina beleza” do corpo e da alma da amada loura, cândida, doce, inocente, intocável, contemplada apenas pelas fímbrias da imaginação:

Que ninfa ou deusa num ledo momento
Trança de ouro soltou, à aura, tão pura?
Onde alma que abrigou tanta candura
De que a mais alta é o seu maior tormento.

Por divina beleza embalde mira,
Quem não divisa os olhos que diviso
Que tão suavemente amor os vira.

Sabe que amor é inferno e paraíso,
Quem pode ver o quão doce suspira,
Como é doce o seu gesto e doce o riso.

Não obstante as qualidades metafísicas, os dotes morais, a alma casta: “de ardentes virtudes viva e ornada,/ Alma gentil de muita majestade;/ Abrigo ideal de honestidade,/ Torre de alto valor, firme, fundada”, pulsa em Laura, alguma vez, a humana chama do erotismo que atrai o poeta como a luz atrai as falenas outonais, “face a quem o meu desejo subir há de” (p. 67). Entretanto o sujeito lírico sente-se fadado a reparar a profanação: “e como vero prisioneiro aflito, / Das cadeias eu levo o peso imenso,/ E o meu peito nos olhos trago escrito./ Considerando a minha cor obscura,/ Certo direi: se eu bem vejo e bem penso,/ Mui perto agora estou da sepultura” (p. 51).

O arquétipo da Bela Dama petrarquiana encarnou nas musas de incontáveis poetas que criaram prolíferas e divinas mulheres de papel por cujo amor (sequer por um olhar) o eu lírico, eternamente embriagado de amor e desejo, mas saciado pela contemplação do divino e do sublime, empreende uma longa trajetória de busca espiritual, camuflando o fogo viril que arde no sangue e queima na carne.

O padrão de beleza dessa musa foi retomado com novas formas, nuances de cores, luz e ritmo próprio por Camões, Tomás Antônio Gonzaga, Silva Avarenga, Castro Alves, Olavo Bilac, Cruz e Souza, Manuel Bandeira e Vinicius de Moraes para falar dos poetas que nos interessam neste momento. Inspirados pela Deusa do Amor e pela Amada morta, eles rechearam o imaginário de seus leitores com imagens

arquetípicas da Mulher angélica, da Beldade esfingética, da Dona estatuada, da Noiva funérea, da Bela adormecida, para quem um amante extático declara seu amor proibido ou não correspondido como um “espinho na carne”.

SOB A INSPIRAÇÃO DA ANIMA

Com Jung (2000, p. 36) dizemos que *anima*, personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique do homem, é alma, é psique, “aquilo que vive no homem e seduz a matéria inerte para a vida com suas astúcias e ilusões”. A *anima* trama ciladas e armadilhas para que o homem viva, conduzindo seu jogo élfico sobre e sob a existência humana, resulta do instinto e se diferencia do “apenas natural”, de forma que tanto é abstração, reflexão, quanto ritmo da vida, ondulações, imaginação. Personalidade interior, a disposição íntima dos indivíduos, a *anima* ativa intuições proféticas, receptividade ao irracional, capacidade de amar, sensibilidade à natureza, relacionamento com o inconsciente. Com a *anima* entramos

no reino dos deuses, ou seja, na área que a metafísica reservou para si. Tudo que é tocado pela anima torna-se numinoso, isto é, incondicional, perigoso, tabu, mágico. Ela é a serpente do paraíso do ser humano inofensivo, cheio de bons propósitos e intenções. [...] Conservador, esse arquétipo prende-se à humanidade mais antiga de um modo exasperante; podendo aparecer como anjo e como luz, como psicopompo, e conduzir até o significado mais alto. [...] A anima é energia vital, fogo, luz suprema (JUNG, 2000, p. 37).

Sabedoria, face feminina de Deus, que transcende até mesmo a pureza e a santidade, a *anima* pode se manifestar como Eva, Helena de Troia, como a Virgem Maria, como Sophia. Personificada como Sophia, ela é o poder criador. As visões da mística alemã Hildegard von Bingen, que viveu em halo de santidade na Idade Média (1098 a 1179), em um dos seus êxtases, ouviu a voz da Sabedoria divina que se expressa com a natureza da *anima*:

Eu sou a força suprema e ardente que emite todas as centelhas da vida. A morte não faz parte de mim embora eu a aceite, e em consequência sou provida de sabedoria bem como de asas. Sou aquela essência viva e ardente da substância divina que jorra na beleza dos campos. Eu brilho na água, eu queimo no sol, na lua e nas estrelas. É minha aquela força misteriosa do

vento invisível. Eu sustento e alento tudo o que vive. Respiro nos verde e nas flores, e quando as águas fluem como coisas vivas, sou eu. Ergo as colunas que sustentam toda a Terra. Sou a força que reside nos ventos, de mim eles se originam, e assim como um homem consegue mover-se porque respira, assim o fogo não queima a não ser por mim soprado. Tudo isso vive porque estou em tudo. Sou a sabedoria. É minha a emissão do verbo proferido através do qual todas as coisas foram feitas. Eu impregno todas as coisas para que não pereçam. Eu sou a vida (In: Prefácio de O livro das deusas, 2005).

Sapiência, grandeza, devoção espiritual, romantismo estético caracterizado por elementos sexuais e relacionamento puramente instintivo são estágios da *anima* que personificam tipos de mulheres projetadas nos poemas por poetas-amantes. Uma forma constante de personificação da *anima* é a Deusa virgem, que representa o eros espiritualizado, uma maneira de sublimação dos desejos masculinos; outra é a esposa casta que se expressa nas imagens da esposa do Cântico dos Cânticos, por exemplo, segundo Octavio Paz (1994, p. 23), “uma das obras eróticas mais belas já criadas pela palavra poética” que “ao longo de mais de dois mil anos alimenta a imaginação e a sensualidade dos homens”. Esta configuração da *anima* se desdobra em várias imagens poéticas do feminino.

Jung relacionou o arquétipo do Feminino com o princípio erótico que implica comprometimento passional, convívio com a porção obscurecida da personalidade, com certas realidades marginais à moral e com inferioridades excluídas do campo dos interesses conscientes. Assim como o eros transcendentalizado levou muitos homens sedentos de amor pela Deusa aos templos de Afrodite para viverem na carne a transubstancialização do desejo, o imaginário poético masculino fertilizado pela *anima* ilusionista cria suas deusas de carne e osso através de visões e fantasias eróticas, cuja epifania acontece como hipóstase do belo e do sublime.

O modelo da Divina amada na poesia lírica amorosa é uma criação da *anima* que expressa arquétipos do inconsciente coletivo, como Afrodite, Lilith, Deméter, Psique, a Deusa do Amor, a Fêmea fatal, a Grande Mãe bondosa, dentre outras personagens que figuram como representação do desejo e das fantasias sexuais masculinas através da melopeia da beleza corporal e espiritual feminina e dos mistérios de sua alma, fenômeno perceptível no poema “Deusa serena”, de Cruz e Souza (2002, p. 49):

Espiritualizante Formosura
Gerada nas Estrelas impassíveis,
Deusa de formas bíblicas, flexíveis,
Dos eflúvios da graça e da ternura.

Açucena dos vales da Escritura,
Da alvura das magnólias marcescíveis
Branca Via-Láctea das indefiníveis
Brancuras, fonte de imortal brancura.

Não veio, é certo, dos paus da terra
Tanta beleza que o teu corpo encerra,
Tanta luz de luar e paz saudosa...

Vem das constelações, do azul do Oriente,
Para triunfar maravilhosamente
Da beleza mortal e dolorosa!

Esta deusa, cuja beleza física, marmórea e fria, se inscreve no limite entre o humano e o inumano, entre a terra e o espaço sideral, ser astro e ser flor, é a mulher contemplada pelos olhos do amor cortês inspirado pela *anima* Sophia, um misto de mistério e revelação.

No poema de Olavo Bilac (2007, p. 86), intitulado “Oração à Cibele”, a *anima* surge na pele de uma Deusa Mãe. Seduzido pelo amor místico à divindade, o sujeito poético prostra-se diante de Cibele, a Deusa romana da agricultura, para lhe suplicar a morte, esta que parece significar uma fuga do desejo sexual:

Deitado sobre a terra, em cruz, levanto o rosto
Ao céu e às tuas mãos ferozes e esmoleres.
Mata-me! Abençoarei teu coração, composto,
Ó mãe, dos corações de todas as mulheres!

Tu, que me dás amor e dor, gosto e desgosto,
Glória e vergonha, tu, que me afagas e feres,
Aniquila-me! E doura e embala o meu sol-posto,
Fonte! Berço! Mistério! Ísis! Pandora! Ceres!

Que eu morra assim feliz, tudo de ti querendo:
Mal e bem, desespero e ideal, veneno e pomo,
Pecados e perdões, beijos puros e impuros!

E os astros sobre mim caiam de ti, chovendo,
Como os teus crimes, como as tuas bênçãos, como
A doçura e o travor de teus cachos maduros!

Isis, Pandora ou Ceres, esta é a Deusa Universal ou Mãe Cósmica que, de acordo com Campbell (2000, p. 115), tanto cumula o suplicante de bênçãos quanto o faz mergulhar nas câmaras mais profundas do coração, trazendo consciência de culpa e alento para alma penalizada pelos terrores inconscientes. “Fonte, berço, mistério”, a Deusa Cibele significa a harmonização de todos os conflitos espirituais que assegura o Paraíso e representa os bens femininos buscados pelo masculino.

Do ponto de vista mítico, a Deusa é “o modelo dos modelos de perfeição, a resposta a todos os desejos”, de onde provêm as bênçãos, tudo que possui sedução, promessa de gozo. Ela é a confortadora, a nutridora, a bela, a jovem, a mãe, a irmã, a amada, a noiva, a esposa, enfim, qualquer figura feminina imaginária que é cultuada, amada, contemplada, mas que “habita, como quem dorme na intemporalidade, no leito do mar intemporal” (CAMPBELL, 2000, p. 112) Ela é a origem e o fim de todas as coisas, o poder cósmico e a totalidade do universo, um guia para o sublime auge sensual, a “personificação de um poder motivador ou de um sistema de valores que funciona para a vida humana e para o universo” (CAMPBELL, 1990, p. 24).

Consoante Woolger (1994, p. 14) o arquétipo da Deusa é “fonte derradeira daqueles padrões emocionais dos pensamentos, sentimentos, instintos e comportamentos que poderíamos chamar de ‘femininos’ na acepção mais ampla da palavra” e que são projetados em toda mulher de acordo com suas próprias adaptações. A Deusa é a descrição psicológica de um tipo de complexo de personalidade feminina que pode ser reconhecida nas mulheres e nas imagens e ícones femininos que fazem parte da cultura.

Nos versos de Castro Alves (s/d., p. 81), a *anima* figura na pele no mais íntimo ser da “Deusa incruenta”:

Quando Ela se alteou das brumas da Alemanha,
Alva, grande, ideal, lavada em luz estranha,
Na destra suspendendo a estrela da manhã...
[...]
Clareou-se o perfil dos alvacentos montes,
[...]
Tinha na mão brilhante a trompa bronzeada!
Vestia o longo véu da vestal inspirada!
Era Palas talvez!... talvez um serafim!...
O albor de Beatriz, no imaginar do Dante!
O olhar da Pitonisa em trípode gigante!
Do mundo – Anjo-da-guarda! Enorme querubim!...

[...]

Gênio e santa! Mulher um grito ergueu profundo,
Abriu braços de mãe p'ra acalantar o mundo,
Asas de Serafim – p'ra abrigar a amplidão.

[...]

Disse a gruta p'ra o céu: “Que deusa é esta ingente?!”
O espaço respondeu: é a diva do Ocidente!...
A consciência do mundo! O Eu da criação!”

E quando Ela surgiu, - os pólos se abraçaram!
O Zênite e o Nadir, - surpresos, se escutaram!
O Norte – ouviu, chorando, o soluçar do Sul!

[...]

Clamou da terra-verde ao firmamento-azul!

Uma noite... no chão da Grécia – peregrina,
A Deusa ajoelhou-se... da poeira divina
O fantasma de Homero então viram surgir!
“Ainda viajar” diz o velho em assombro...
“Quem és?” “Eu sou teu guia... Encosta-te ao meu ombro.”
“Então, levas-me longe?” “Eu levo-te ao porvir!”

No fórum colossal da sempiterna Roma,
De Cícero a figura apaixonada assoma
E de novo retumba o verbo atroador...
Tem hoje por tribuna imensa – a eternidade!
Por Fórum – o universo! E plebe a humanidade!
A seus pés – as nações! Os séculos em redor!

[...]

Salve, Deusa incruenta! Imensa Divindade!
– Barqueira desse mar – chamado a Eternidade! –
Que às margens do Cocito embarcas os heróis...
Em prol da Humanidade a Deus levas o grito.
Tens os olhos – na terra! A boca – no infinito!
A meia-lua aos pés! Na cabeleira – os sóis!!!

Com efeito, o poeta exalta a universalidade, centralidade e perpetuidade da Deusa cósmica ao longo do tempo na literatura. Ela irrompe como Palas Atena grega, aquela que nasceu da cabeça de Zeus, a nêmesis dos Deuses e afirma o poder do Feminino; um nível estético caracterizado por sensualidade e abertura, chegando ao último verso como a Mulher do Apocalipse.

No poema “Flor do mar”, de Cruz e Souza (2002, p. 55), a imagem da mulher contemplada a certa distancia pelo poeta lembra a deusa grega Afrodite, nascida das espumas espermáticas do mar:

És da origem do mar, vens do secreto,
Do estranho mar espumaroso e frio
Que põe rede de sonhos ao navio
E o deixa balouçar, na vaga, inquieto.

Possuis do mar o deslumbrante afeto
As dormências nervosas e o sombrio
E torvo aspecto aterrador, bravio
Das ondas no atro e proceloso aspecto

Num fundo ideal de púrpuras e rosas
Surges das águas mucilaginosas
Como a lua entre a névoa dos espaços...

Trazes na carne o eflorescer das vinhas,
Auroras, virgens músicas marinhas,
Acres aromas de algas e sargaços.

A *anima* configurada como Deusa é sempre projetada na mulher celeste, bela e bondosa, na amante etérea, na heroína, na mãe bondosa, na princesa elegante e educada, na rainha obediente, na fada, inspirando, assim, relação etérea, superior, imaterial, através da qual se atinge o amor supremo, de modo que a mulher em quem se projeta este arquétipo encarna um perfil emoldurado no campo da energia psíquica que este arquétipo inspira, isto é, tipos, atitudes e comportamento idealizados como modelo de perfeição humana (cf. CAMPBELL, 2000, p. 169).

Não obstante a perpetuação das imagens positivas da *anima* como a bela Deusa virgem inatingível, a fantasia erótica é a manifestação mais frequente da *anima natural*, muita vez tomada como aspecto negativo da psique do homem. Vemo-la com muitas feições. No poema intitulado “A lara”, escrito por Olavo Bilac, a *anima* aparece como a mãe-d’água, uma variante da sereia: da cintura para cima, mulher; da cintura para baixo, peixe, criatura híbrida e libidinosa que seduz os homens para uma relação fantasiosa em que o desejo masculino sucumbe mediante a inacessibilidade do corpo feminino, restando-lhe a desilusão:

Vive dentro de mim, como num rio,
Uma linda mulher, esquiva e rara,
Num borbulhar de argênteos flocos, lara
De cabeleira de ouro e corpo frio.

Entre as ninféias a namoro e espio:
E ela, do espelho móbil da onda clara,

Com os verdes olhos úmidos me encara,
E oferece-me o seio alvo e macio.

Precipito-me, no ímpeto de esposo,
Na desesperação da glória suma,
Para a estreitar, louco de orgulho e gozo...

Mas nos meus braços a ilusão se esfuma:
E a mãe-d'água, exalando um ai piedoso,
Desfaz-se em mortas pérolas de espuma (BILAC, 1997).

Emana da *anima* um poder que enlaça, pois se trata de uma energia inconsciente que deseja apropriar-se do ego. Esse fenômeno pode ser percebido nas convulsões eróticas, no culto do corpo feminino, nos fetiches, interpretados como um poder inelutável da *anima* natural que compreende um comportamento puramente instintual sempre representado por criaturas imaginárias que habitam o fogo, os ventos, as águas e a terra, como as melusinas, as ondinas, as ninfas, os elfos, as fadas, os ogros, as sereias, as bruxas, as feiticeiras e que personificam o caráter perturbador do feminino no inconsciente da mulher e na consciência do homem. Por isto provocam assombro, medos, sustos, terrores ou fascínio, ficando o indivíduo cativo, petrificado ou absorto, “no mundo da lua” ou das águas.

A *anima* liberta os seres feéricos que habitam o interior, promovendo o retorno ao inconsciente, metaforicamente conhecidos como “jardim dos sonhos”, “mundo verde”, “ilha dos encantos”. A literatura de todas as épocas, os contos de fadas e os mitos de todas as origens têm mostrado que ao mergulhar nesse mundo onírico, o homem é arrebatado pelo êxtase amoroso, pela fantasia e pelo eros exacerbado, esquecendo o mundo racional das atividades masculinas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, como vimos nos poemas em foco, o amor erótico cortês abre acesso para se penetrar nos mistérios do coração do poeta apaixonado que se “abisma”. Só a força inexorável da paixão promove a epifania da beleza da mulher amada; só a energia sagrada do Eros é capaz de juntar as duas partes cindidas da alma do poeta e de sua amada. Quando transportado pela poesia do amor, o poeta diviniza a mulher com o cálido torpor do desejo, que cria as mais variadas imagens da fantasia, e a vê iluminada pela luz da ideia. E, assim, enfeitado pelas criações da

anima, pelo “espelho mágico” da alma, poetas de todos os tempos criam miríades divinas de papel que vivem até hoje na poesia lírica amorosa ocidental.

REFERÊNCIAS

ALVES, Castro. **Poesias de Castro Alves**. São Paulo: Editora Formar, s/d.

AZEVEDO, Álvares de. **Lira dos vinte anos**. São Paulo: Martin Claret, 2002 (Coleção obra prima de cada autor).

BILAC, Olavo. **Antologia poética**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

BILAC, Olavo. **Poesia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CRUZ E SOUZA. **Broquéis Fazóis**. São Paulo: Martin Claret, 2002 (Coleção obra prima de cada autor).

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução Maria Luiza Apy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. (org.). **O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d.

JUNG, Karl Gustav. **A prática da psicoterapia**. Trad. Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 1985.

PETRARCA. **O cancionero**. Trad. De Jamil Almansur Haddad. São Paulo: EDIOURO, s/d

Recebido em 29 de abril de 2015 | Aprovado em 04 de junho de 2015